



## PATRIMÔNIO HISTÓRICO LOCAL E SABERES DOCENTES: PERSPECTIVAS EM DIALÉTICA NOS ANOS INICIAIS

Danielle da Silva Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo principal desse trabalho foi compreender o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas do município de Garanhuns a partir do que os professores compreendem a respeito do potencial metodológico que o Patrimônio Histórico-Cultural apresenta para subsidiar o ensino de História Local. Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que o Ensino de História Local ainda figurar muito pouco como objeto de pesquisa acadêmica no município de Garanhuns. O estudo foi desenvolvido a partir das considerações teóricas da História Cultural, do Ensino de História e definições do Patrimônio Histórico. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três professoras de 4º e 5º ano de escolas públicas municipais de Garanhuns. Com a realização desse estudo foi possível concluir que a disciplina de História apresenta, na fala dos entrevistados, desprestígio perante a atmosfera pesquisada, inclui-se nesse desprestígio o trabalho com o Patrimônio Histórico do município, sendo esse, no ambiente pesquisado, pouco reconhecido como expressão da história e da cultura local. A apropriação do conhecimento histórico e o reconhecimento da disciplina de História aparecem como fundamentais no processo de construção sócio-cultural do sujeito, entretanto a pesquisa nos mostra que esse assunto merece estar no centro das discussões e reflexões no município, tendo em vista que os próprios educadores ainda não reconhecem a importância desse saber.

**Palavras-Chave:** Educação, Ensino de História, História Local.

### ABSTRACT

The main objective of this study was to understand the teaching of history in the early years of elementary education at public schools of Garanhuns from what teachers understand about the methodological potential Historic-Cultural Monument has to subsidize the teaching of Local History. This research is justified by the fact that the teaching of local history has included very little as an object of academic research in the city of Garanhuns. The study was developed from theoretical considerations of Cultural History, Education History and Heritage settings. We conducted semi-structured interviews with three teachers of 4 and 5 year of public schools in Garanhuns. With the completion of this study it was concluded that the discipline of history has, in speaking of respondents surveyed prestige before the atmosphere is included in that discredit the work with the Heritage of the city, and this, in the environment studied, little recognized as expression of history and local culture. The appropriation of historical knowledge and recognition of the discipline of history appear as fundamental in the process of socio-cultural construction of the subject, however research shows that this subject deserves at the center of discussions and reflections in the municipality in order that the educators themselves do not yet recognize the importance of this knowledge.

**Keywords:** Education, Teaching History, Local History

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns, Especialista em História de Pernambuco pela Universidade de Pernambuco – Faculdade de Ciência, Tecnologia e Educação de Garanhuns, Professora Substituta das disciplinas de História na Prática Pedagógica I e II e Metodologia do Ensino de História I e II na Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns. Email: daniellesilvaferreira@hotmail.com



O saber histórico no sentido dos estudos da História Cultural é extenso e pode ser delineado de muitas formas. Determinadas abordagens enveredam pelo campo da ressignificação de aspectos de determinados lugares, como se pode enxergar nas perspectivas da historicidade local, consideradas bases de grande relevância para a constituição de um olhar histórico. Isso ocorre pelo fato dos estudos da História e da Cultura Local propiciarem, antes de tudo, uma identificação com o tema estudado, haja vista seus vestígios estarem manifestos e podendo ser observados, sentidos e ouvidos no cotidiano.

Estudos de cunho sociocultural demandam lançar mão de muitas áreas do conhecimento, entretanto não se pode abarcar todos os campos em um único estudo, pois seria uma tarefa impossível. Sendo assim faz-se necessário um trabalho de seleção de algumas vertentes e neste trabalho enveredamos pelos caminhos da História Cultural, centralizando nossa perspectiva na História Local, direcionada a sua vivência no ensino de história nos anos iniciais do ensino Fundamental.

Estudar a História de uma comunidade ou de um lugar implica em conhecer a historicidade das suas vivências e práticas socioculturais constituídas ao longo do tempo. Desse modo, se necessita conhecer muito mais que fatos ocorridos no ontem, não só se faz necessário memorizar, acumular, informar sobre o passado, mas também entendê-lo com o olhar do presente. Pensando nesse presente como algo em constante modificação.

Ao fugir da concepção de história decorativa compreendo sua importância para além de conteúdos de memorização a serem aplicados em exames e provas, que a história pode fomentar discussões e entendimentos mais abrangentes, envolvendo questões políticas, sociais, de identidade cultural.

A sociedade formada por cada um dos seus indivíduos, por cada um dos sujeitos históricos, constrói a História todos os dias. E, é relativamente há pouco tempo que essa perspectiva de uma História próxima das pessoas comuns toma corpo enquanto objeto de pesquisa e nela, histórias vividas podem se tornar histórias contadas.

A partir do início do século XX correntes teóricas orientam diferentes e novas abordagens para o conhecimento histórico, tentando se diferenciar do positivismo que era fortemente vivenciado até então, passando a considerar o local como fonte de estudo. Na abordagem do conhecimento histórico escolar, segundo Fonseca (2003) a nova perspectiva de trabalho com a História só entra de fato no Brasil em meados da década de 90. Como essa mudança não chegou a todas as escolas de maneira uniforme, muitos alunos, tiveram nenhum

contato com essa abordagem e não usavam o conhecimento ensinado na escola na sua vida prática e pouco levavam disso para si.

De acordo com o descrito até aqui este artigo, parte de uma pesquisa monográfica, foi resultado de uma pesquisa com docentes dos anos iniciais do município de Garanhuns, na qual buscou-se refletir sobre conhecimento histórico, tendo em vista que as práticas que envolvem o ensino de História e a sua relação com o cotidiano escolar. Destaco o aspecto multifacetado que ora se apresenta, a mudança de referenciais e as novas bases, delineadas sobre os pressupostos da História Cultural. Nesse sentido, este trabalho volta-se para o estudo da História Local e o Patrimônio da cidade de Garanhuns, de modo a analisar os usos do Patrimônio Histórico enquanto espaço de construção de identidades na relação com a produção dos saberes e das práticas pedagógicas dos professores, nas aulas de história, dos anos iniciais das escolas públicas do município de Garanhuns-PE.

Os objetivos específicos caminharam em direção de: 1. Identificar quais expressões do Patrimônio Histórico Local são mais conhecidas pelos professores e de que forma estes se relacionam com os mesmo em suas experiências socioculturais; 2. Conhecer as concepções dos professores acerca do Patrimônio e levantar os aspectos metodológicos que utilizam nas aulas de história ao trabalharem com a cultura local; 3. Observar como o trabalho com o Patrimônio Local é explorado com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental nas aulas de história.

Para atingir os objetivos acima descritos procurei levar em consideração a formação cultural do professor, o que consideram de significativo para ensinar em História, qual a maneira disso acontecer, se e como utiliza o Patrimônio do município, pensando na metodologia da Educação Patrimonial<sup>2</sup> como forma de trabalho.

Segundo Bittencourt (2004, p. 193) a “História está em todos os lugares e não é imutável como ainda é pensado, pelo contrário, é dinâmica e que mesmo em tempo remotos a História se faz presente adquirindo novos contextos”. Essas considerações nos remetem às construções e reconstruções sociais remanescentes ao longo do tempo como, tradições, comportamentos sociais, formas de vestir, de se alimentar e características que ao passar do tempo permanecem como prática culturalmente estabelecida (SANTOS, 2007). Daí vem a relação História Local e Cultura da qual tanto nos ocupamos neste texto porque estão

---

<sup>2</sup>Esta é uma metodologia que usa o Patrimônio Histórico de um lugar para se fundamentar enquanto metodologia de trabalho, de modo que ocasione a valorização do local, um sentimento de identificação com os temas abordados, preservação do Patrimônio Histórico. A Educação Patrimonial se baseia em mostrar para os educandos que aquelas expressões históricas, muitas vezes desconhecidas, fazem parte de sua História (HORTA in OLIVEIRA; WENCESLAU, 2007, p.32)



presentes nas nossas preocupações e na crença de que sejam um caminho interessante e promissor para ser percorrido por professores e alunos na disciplina de História.

A educação escolar convive com conhecimentos de vida cada vez mais distintos e que de alguma forma interferem no processo educativo. O acesso a vários meios de divulgação de informações, cada dia mais rápidos cria uma nova dinâmica de vida, fazendo com que aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e históricos necessitem ser incorporados as atividades escolares e de maneira que possam promover um dialogismo entre temas do cotidiano e a prática pedagógica, perspectiva amplamente difundida.

Discutindo o ensino de história, para crianças na educação básica, é indispensável inicialmente compreender que a história não se mostra apenas a partir de grandes conquistas, de heróis, batalhas sangrentas ou eventos políticos numa visão estritamente memorialista e factual. Percebe-se a História também na vida do homem comum, em seu cotidiano. Como inerente ao cotidiano, a história pode ser interpretada a partir de imagens, poemas, músicas, depoimentos, expressões artísticas, monumentos, softwares educativos, visitas pedagógicas entre outros. Com esses recursos podemos realizar o trabalho com o conhecimento histórico sem necessariamente nos depararmos com um fato histórico minimamente descrito. Isso acontece orientado pela descoberta de vestígios e indícios presentes nos diversos suportes de ensino.

Com essa nova característica do ensino de história, docente e discente tem a oportunidade de fazer uma “viagem ao passado” e perceber que o contexto histórico da obra de arte, da história em quadrinho, do documento, ou de qualquer outro elemento, pode não se tratar do tempo presente.

A nova configuração anunciada para o mundo a partir da Escola dos Annales e aprofundada na História Cultural entende a História essencialmente ligada à Cultura, e as mudanças de percepção da história recaem também sobre a abordagem do conhecimento histórico escolar, compreendendo a escola como ambiente de formação cultural. Nesse sentido o ensino de História pautado no engrandecimento de fatos e símbolos, geralmente episódios heróicos ou dramáticos, num regresso ao passado muitas vezes em descompasso cronológico, já não atende as necessidades educacionais atuais.

Bittencout (2004) foge da ideia de uma história desconectada da realidade e destaca que a história está em todo lugar, é dinâmica e adquire contextos diversos. E, fazendo a história falar bem perto de nós, assumimos o pressuposto de que ela nos acompanha em todos os lugares e definimos como objeto de estudo um recorte espacial delimitado, o qual chamamos de História Local. Nesse recorte, percebe-se diversas possibilidades de releitura do



passado, repensando nossas vivências, as múltiplas faces do cotidiano, repensando a realidade, questionando-a.

Para interpretarmos a nossa realidade e produção, enquanto sujeitos que produzem e permutam cultura, é preciso abstrair os sentidos relacionados aos modos de vida, as tradições, aos saberes repassados de geração em geração. Por isso a História Local aparece como aporte teórico-metodológico para que se possa compreender que todo ser humano possui uma vivência ímpar, cria e recria sua história, e esta nunca é isolada, sempre possui “links” com instâncias históricas maiores (associando o macro ao micro).

A História Local assim pode assumir diversas perspectivas, desde o estudo da formação memorialista/política/factual, até a perceptiva problematizadora da realidade, esta última adotada neste trabalho.

A História, como conceito polissêmico, remete a dois grandes sentidos, quais sejam, a História como experiência, a História como conhecimento. O adjetivo local, por sua vez, responde a uma qualificação que estabelece a circunscrição de um lugar. Esse sentido se manifesta mais claramente no uso do verbo localizar, qual seja, situar algo em um lugar, o que, por outro lado, nos leva a uma ação. A História Local é, em entristeza complementaridade, conjunto de experiências dos sujeitos de um lugar, também, o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências. (GONÇANVES, 2003, p.177).

Sendo assim, faz-se nesse caso necessário um trabalho pedagógico que verse sobre os saberes e as práticas cotidianas, reveladas nas expressões da cultura local, que manifestam sentido para aqueles que a vivem e são elementos históricos indispensáveis a formação do sujeito conhecedor e interventor de sua realidade. A cultura passa a ser considerada então como elemento dinâmico assim como a história, e estas matem uma relação com o mundo, com a realidade, com a localidade caracterizando a abordagem da História Local.

A abordagem da História Local não é recente, mas a sua inserção como tema a ser problematizado na escola assumi destaque a partir do momento que o cenário educacional passa a se questionar: Por que se ensina História? Para que se ensina História? Como ensinar História? Quem são os educandos? Quem são os docentes? Nesse momento a História Local problematizadora passa a ser considerada fundamental na formação do indivíduo, sobretudo pela importância que seu caráter social adquiri, enquanto conhecimento capaz de situar o educando na sua realidade, no seu momento histórico, para, em estudos subseqüentes, alcançar concepções mais abrangentes.

A partir desses questionamentos entende-se que o conhecimento histórico local não se constrói baseado apenas na acumulação e na memorização de fatos, muito menos no “decoreba” de prefeitos, pessoas ilustres, mártires. A aprendizagem significativa está



alicerçada no desenvolvimento dela como processo, diante de interações, de vivências, de busca de respostas a partir de questionamentos acerca da realidade.

Trabalhar essa temática requer cautela, pois não é trivial abordar o ensino de História local. Por vezes os vestígios da História não serão encontrados em registros didáticos e por esse motivo é necessário que o docente seja um professor-pesquisador, para buscar de seus aportes teórico-metodológicos no cotidiano e utilizar seus conhecimentos pedagógicos para selecionar, sistematizar e organizar seu material. A intenção é fazer as questões a serem pesquisadas emergirem da sala de aula, gerando inquietações entre os educandos, de modo que eles possam ir em conjunto em busca de respostas provisórias.

Para investigarmos as possibilidades dos percursos do ensino de história nas escolas públicas municipais da cidade de Garanhuns, realizamos esta pesquisa sobre a potencialidade da História Local a partir da exploração do seu Patrimônio Histórico Cultural. Acreditamos que no Patrimônio encontram-se dados, sentidos e significados que, se trabalhados pedagogicamente através de diferentes metodologias e formas de linguagens, podem contribuir substancialmente para uma aprendizagem histórica dentro das perspectivas formativas tão preconizadas atualmente para a educação escolar.

Assim, concordamos com as indicações de Proença (1990) para o ensino de história, segundo as quais se deve proceder pelo método de iniciação de pesquisa histórica, onde o estudante é posto em contato com expressões históricas manifestas em artefatos, bens imóveis, documentos, lugares de histórias, além do uso de recursos audiovisuais, que mediam a ação educativa do conhecimento histórico. Dessa forma, realizamos um “ensino de uma História inteligível, conceitual, em que o aluno manipula dados, compara, aprecia, formula hipóteses e procura conclusões” (PROENÇA, 1990, p.56).

Nesse desenho, partir do ensino de história Local é indispensável a observação do entorno do espaço, estabelecendo uma relação com o Patrimônio Histórico-Cultural, visando principalmente fortalecer o conhecimento dessas expressões e a preservação de edificações, monumentos, danças, criações tecnológicas, artísticas, e culturais locais de valor paisagístico, histórico, arqueológico, ecológico, modos de viver e fazer, e tantos outros aspectos que entram no âmbito do Patrimônio Material e Imaterial.

Assim, Patrimônio é tudo o que tem significado e é capaz de despertar o interesse de sua comunidade como algo que lhe pertence, que evidencia suas singularidades. Marcas de identidades e de cultura que são peculiares de um grupo fazendo-o reconhecer-se e ser reconhecido perante outros. O Patrimônio que não é reconhecido, que não tem significado

para as pessoas e não guarda uma relação de identificação e de afetividade com o contexto no qual se insere, não pode ser considerado como tal.

CHOAY (2006) diz que o patrimônio é uma expressão polissêmica e nômade no sentido de vestir-se de diversas indumentária para revelar a interpretação num determinado contexto e

a expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado como um: obras e obras primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dois seres humanos. Em nossa sociedade é errante constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras chaves da tribo midiática ela remete a um na instituição e uma mentalidade. (CHOAY, 2006, p. 11)

Sendo assim o Patrimônio está submerso numa rede de significados que estabelecem conexão com a compreensão da realidade, necessitando de múltiplas interpretações para que a existência dos espaços patrimoniais possa fazer sentido. Choay (2004) defende que o patrimônio influencia e é influenciado pelas diversas instâncias econômica, social, histórica, cultural da sociedade. Sendo assim:

Esse patrimônio é, então, dotado de um duplo estatuto [...] e tem duplo papel [...] Esse patrimônio urbano base fragmentada e fragmentária de uma dialética da história e da historicidade é tratado de acordo com as complexas abordagens [...] para as quais cada objeto patrimonial é um campo de forças opostas que cumpre levar a uma situação de equilíbrio singular em cada caso (*idem*, 2006, p 203)

O Patrimônio, enquanto registro da ação humana, em um espaço e em determinado tempo, tem sua expressividade socialmente esculpida, que é legitimada com base na relação que ele possui com o mundo. Ele (o patrimônio) é detentor de elementos de representatividade subjetivas, compreensíveis apenas aos que, com o mesmo, estabelecem relações de construções de saberes, sejam eles identitárias, históricas ou culturais. (GONÇALVES. In CHAGAS, 2003). O Patrimônio só pode ser expressão patrimonial se a sua representatividade histórica estiver presente no cotidiano dos que o cercam.

Entretanto, estabelecer relações com o Patrimônio e reconhecer seu testemunho “não significa ‘conhecê-lo como ele foi’, mas apropriar-se de uma reminiscência” como diz Walter Benjamin (BENJAMIN In NETO, 2011, p 21). Essa é uma relação que possui dimensões individuais e coletivas, na medida em que o sujeito dialoga com o Patrimônio Histórico-Cultural. Isto significa compreendê-lo sempre numa a partir de uma reinterpretação do que ele foi, adotando o rigor necessário para que essa configuração não continue a cristalizar a história como construção feita por ícones e sempre de outrem. “Todo objeto do passado pode



ser convertido em testemunho histórico sem que para isso, tenha tido em sua origem uma destinação memorial” (CHOAY, 2006, p. 26)

Esse Patrimônio pode apresentar-se de maneiras diversas desde expressões monumentais como prédios, casas, casebres, antigos mercados, estações de trem, etc, até expressões imateriais como marcas de identidades e de cultura. Assim o espaço patrimonial recobre-se com diversas vestes, sendo este co-partícipe da construção dos referenciais históricos individuais e coletivos, tanto para os que viveram no tempo passado, quando para os sujeitos do tempo presente, adquirindo um caráter dinâmico.

E para pensarmos práticas educativas que viabilizem o trabalho com a história local, inserimos nesta discussão o Patrimônio Histórico, apresentado num caráter pedagógico/didático como suporte para fundamentar os estudos de história nos anos iniciais. Conforme isso, “toda prática educativa que utiliza o Patrimônio Cultural nos seus múltiplos aspectos como instrumento de ação e de construção do conhecimento” (FUNDARPE, 2011 p 122) é considerada Educação Patrimonial.

No ensino de história a Educação Patrimonial surge como metodologia que usa o Patrimônio Histórico de um lugar para se fundamentar, de modo que ocasione o conhecimento e a valorização do local, construindo uma relação de identificação com os temas abordados. A Educação Patrimonial orienta um trabalho educativo, que pode ocorrer nas escolas ou fora delas, para subsidiar professores e alunos na exploração do patrimônio.

Em termos metodológicos e conceituais a Educação Patrimonial segundo Horta (1999) é uma metodologia que orienta para um “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (HORTA, 1999, p.6). Desse modo, qualquer evidência material, manifestação cultural, objeto ou conjunto de bens pode ser adaptado e aplicado na metodologia da Educação Patrimonial.

A FUNDARPE (2008) diz que no trabalho com a Educação Patrimonial se busca desenvolver, nos que dela participam a consciência, em relação a importância do Patrimônio; conhecimento das próprias vivências culturais dos educandos; comportamentos como o despertar o interesse por sua cultura e por ações para melhoria da proteção do Patrimônio; as habilidades necessárias à proteção e à participação ativa na preservação cultural e dos bens culturais.

Metodologicamente Horta (1999) e Grunberg (2007) designam quatro etapas básicas para o trabalho com a Educação Patrimonial:



1 – A observação: essa etapa tem o intuito de identificar o objeto de estudo, o Patrimônio, buscando entender seu significado, além de estimular a percepção visual/sensorial e o entendimento simbólico do que o Patrimônio representa. Faz uso de estratégias de perguntas, manipulação de elementos, anotações, deduções. Nesse momento o bem começa a ser entendido como uma evidência do passado, fonte de possíveis “soluções” para questionamentos realizados de antemão.

2 – O registro: nesse momento o intuito é que os estudantes possam demonstrar de alguma forma o que foi apreendido na etapa anteriormente realizada, com análise crítica, desenvolvimento de pensamento intuitivo, da lógica, do pensamento operacional, e da memória.

3 – A exploração: nessa fase as ações consistem em submeter as informações sobre o Patrimônio, obtidas na observação e no registro, levantando hipóteses e discussões, com questionamentos e avaliações, atentando para o uso de diferentes fontes. O objetivo aqui é o “desenvolvimento das capacidades de análises e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados” (HORTA, 1999, p 11).

4 – A apropriação: a última etapa trata-se de um processo de releitura do que foi apreendido durante todas as etapas, englobando e estimulando a questão da afetividade e da internalização dos sentidos das expressões patrimoniais, num contexto de desenvolvimento da capacidade de auto-expressão e incentivo a participação criativa e valorização do bem cultural. A intenção é perceber uma mudança de atitude em relação às expressões que anteriormente passavam despercebidas e que agora podem ser vistas de diferentes formas pelos estudantes a partir dos múltiplos significados que lhes são atribuídos.

Embora a Educação Patrimonial seja exposta por essas autoras através de etapas, é importante frisar a existência de experiências que ampliam a perspectiva da Educação Patrimonial enquanto processo formativo, sem necessariamente passar por esses estágios tão demarcados, como afirma Barreto et al. (2010). Nesse sentido a Educação Patrimonial aparece como um elemento para pensar sobre a História através da percepção da historicidade dos objetos, das construções, bem como sobre os procedimentos de observação, descrição, análise, levantamento de hipóteses, problematização e inferências sobre os registros deixados pelas sociedades, que constituem o trabalho de ensinar e aprender História. Esses movimentos de estudos e pesquisas são tão dinâmicos que certamente fogem dessa perspectiva de períodos tão demarcados, transgredindo como um elemento processual que é.

Diante do que foi dito e com relação aos aspectos metodológicos usados no ensino sabemos que existem diferentes caminhos, os quais o professor pode se valer na sua prática de



ensino. Diferentes fontes de estudo, diferentes recursos com diferentes linguagens podem ser explorados de forma a aproximar os alunos do conhecimento do seu entorno, como visitas a museus, jogos educativos, revistas em quadrinhos, jogos eletrônicos, trabalho com iconografia, etc.

Nessa perspectiva o trabalho com o conhecimento histórico local necessita de uma formação docente, que por vezes o professor dos anos iniciais não possui. Esta formação é indispensável para que a historicidade local possa ser trabalhada de forma a se tornar o início de uma valorização do lugar, das relações interpessoais dos educandos, das suas práticas e vivências cotidianas, relacionando sempre com relações mais abrangentes, ao regional e ao nacional.

O entendimento da importância de tais aspectos por parte dos professores perpassa outros questionamentos, que direcionam no sentido do valor atribuído ao ensino de história, quase sempre ausente para as professoras pesquisadas. Então para o uso de diferentes metodologias destaca-se a necessidade de se superar “dificuldades com questões de ordem teórico-metodológicas [...] questionamentos sobre a pertinência e até a validade dos propósitos [...], demonstração de impotência diante de uma avalanche de exigências” (LIMA, 2009, p 8), sem minimizar as dificuldades reais das escolas, como falta de equipamentos e acervo, que as professoras sempre se remetem nas suas falas.

Nesse contexto as professoras relataram usar o apenas livro didático como fonte de trabalho, de forma que o conteúdo previsto no livro possa ser adequado por elas ao nível cognitivo dos estudantes. Com relação ao uso de um livro didático de história do município, a rede municipal não dispõe de um livro que aborde especificamente este tema<sup>3</sup>, entretanto perguntamos as professoras quais os aspectos da História Local elas abordam:

Com relação ao município trabalhei o nome Garanhuns, a origem do nome, trabalhamos o hino [...] algumas pessoas ilustres daqui, políticos, prefeitos, fazendo atividades de caça palavras, cruzadinhas, fiz desenho, trabalhamos os símbolos, a bandeira, o brasão (prof<sup>a</sup>2).

Dou ênfase no trabalho com a bandeira, os símbolos, fiz um mapa dos pontos turísticos, além do mapa trabalho com o significado dos anuns, o guará, tem uma parede só pra Garanhuns, toda dia eu to colocando alguma coisa (prof<sup>a</sup>3).

No que diz respeito aos objetivos do trabalho com esses conteúdos, as professoras afirmaram que:

---

<sup>3</sup> O livro adotado pela rede municipal não foi utilizado como fonte de análise, pois não é esse o intuito deste trabalho.



Tentei resgatar a história do município, fazer eles conhecerem mesmo, e fazer a pessoa amar sua cidade, por que se eu não valorizar aquilo que é meu quem vai valorizar? Mostrando o que tem de bom na nossa terra. (prof<sup>a</sup>2)

Em primeiro lugar, eu quero que eles dêem valor ao lugar onde eles moram. Quem vem de fora percebe o quanto nossa cidade é bonita o quanto ele é rica, o quanto ela pode progredir. Porque tem aluno que vem de São Paulo, e tudo em São Paulo é bom. Então eu quero que eles mudem, notem que aqui também tem muita coisa (prof<sup>a</sup>3).

Sobre as fontes de pesquisa as professoras responderam se utilizar de livros antigos que retratam a História do município.

No sentido dos conteúdos trabalhados, intuímos que a forma de abordagem destacada nesta fala, professa a prática estabelecida e atribui à História uma característica de passado pronto e acabado. O que se destaca é o momento em que as professoras se remetem a valorização de fatos político-administrativos, salientando de forma clara a priorização dos indivíduos da elite. Características do estudo de uma história política local estão simbolizadas pela abordagem que prioriza os conteúdos que engloba a história das pessoas ilustres do município, políticos municipais, símbolos cívicos, brasão das importantes famílias que normalmente são lembradas como responsáveis pela fundação da cidade e pelo incentivo ao desenvolvimento econômico do lugar.

No que se refere aos objetivos do ensino realizado pelas professoras, está claro uma procura pelo trabalho com o sentimento de pertença e de identidade, forjados consciente ou inconscientemente pela valorização da História passada, e do seus representantes.

Assim, esses traços definem uma metodologia que reforça um passado distante, no qual o educando não se relaciona com este espaço, nem vê os aspectos socioculturais da formação do município e não visualiza nos temas propostos pelas raras aulas de história a diversidade que constitui a dinâmica da vida da cidade e seus elos com outros lugares, tanto no passado como no presente.

Em todas as considerações precedentes as falas das professoras orientou o percurso analítico. Agora tentamos delinear as possibilidades de um trabalho com a Educação Patrimonial a luz das orientações de Horta (1999) e da FUNDARPE (2009) como aporte teórico, atentando que para o trabalho com essa metodologia deve-se considerar a intencionalidade do conhecimento histórico local, sua relevância e seu caráter fundamental no processo de formação crítica dos alunos.

Para trabalhar com a metodologia da Educação Patrimonial e pensá-la como uma linha de ação é necessário que os professores, em princípio, entendam o Patrimônio como eixo do ensino, e não como simples comprovação material de um fato histórico. Compreendendo-o



como objeto cultural que pode vir a ser base do estudo, tratando-o como tema central das práticas de ensino, juntamente com o reconhecimento dos indivíduos e a legitimação desses bens perante sua História Local.

A fala das professoras designa o Centro Cultural do município como sendo a expressão do Patrimônio mais evidente. Atualmente Garanhuns demonstra um forte potencial turístico, principalmente por seus festivais, e o espaço do Centro Cultural é usado para atividades desenvolvidas nesses festivais. Algumas inclusive oferecem oficinas que abordem a valorização do Patrimônio Histórico local ou mesmo que tratem de como trabalhar com a Educação Patrimonial, estas direcionadas efetivamente para educadores e gestores de escolas da região. Entretanto, nenhuma das professoras relatou participar de alguma atividade ou oficinas que abordassem o tema Patrimônio ou qualquer outro tema relacionado. Isso principalmente por que estas oficinas são esporádicas, pontuais e de formação de curta duração. São ações na esfera estadual realizadas em Garanhuns promovidas por eventos culturais como o FIG. Estas oficinas tiveram início com o Programa de Educação Patrimonial, a partir de 2008, composta de recém graduados, mestrands e mestres em diferentes áreas (história, turismo, arquitetura, educação...)

Essas formações são sempre constituídas de discussões a respeito da temática da Educação Patrimonial, ministradas sempre por especialistas da FUNDARPE e tem em seu público alvo professores e gestores de escolas do município. Esse é o público alvo, mas na prática o percentual é baixo. Poucos municípios participam e o público em geral divide boa parte dos acentos com vários gestores ou representantes de sindicatos e por último, professores da rede local de ensino. Dentre esses o percentual cai ainda mais quando se trata de professores dos anos iniciais.

Na Educação Patrimonial encontramos ainda a possibilidade de trabalhar Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Arte, Cidadania, bastando apenas o professor explorar os temas de maneiras diversas. Desse modo, afirma

... o processo de Educação Patrimonial pode ser muito mais. Você, leitor de posse das idéias acima trabalhadas e tendo em mente um conceito abrangente de Patrimônio Cultural, já possui ferramentas que lhe permitem trabalhar a Educação Patrimonial dentro da sala de aula, ou em sua própria comunidade, de acordo com o Patrimônio Local. A Educação Patrimonial busca fazer com que a comunidade (essa parceira é essencial!) desenvolva uma nova forma de olhar, pensar e transformar o mundo que a cerca, o que inclui uma nova relação com o Patrimônio que compõe esse mundo. A educação Patrimonial não é apenas eleger bens para serem protegidos por legislações oficiais, mas manter uma relação de utilização e apropriação daqueles bens que são significativos para a nossa identidade; para dizer



quem somos, e como somos para os de hoje e os de amanhã (FUNDARPE, 2009,p.24).

Nesse sentido, abrangendo as salas de aula, a Educação Patrimonial pode e deve também ultrapassar o espaço escolar, num processo de formação de consciência coletiva, envolvendo nele a comunidade ao redor da escola.

A pluralidade das perspectivas aqui descritas oriundas dos relatos das professoras entrevistadas aponta para a escola e a cidade como espaços e contextos nos quais o saber tem inúmeras possibilidades, por mais que, à primeira vista as dificuldades sejam as mais destacadas, reivindicadas e alvo de preocupações de todos os sujeitos envolvidos, sobretudo, professores, alunos e pais. São universos de aprendizagens marcados pelos desafios da diversidade e complexidade do mundo contemporâneo, nos quais convivem o saber e a prática e onde, cotidianamente o fazer educativo ocorre. Como nos diz Franco e Libâneo (2007, p. 79) “O objetivo do pedagógico se configura na relação entre elementos da prática educativa: o sujeito que se educa, o educador, o saber e os contextos em que ocorre a educação”.

Entendendo assim esse trabalho buscou contribuir para o professor se desconectar de uma prática prescritiva e construir uma outra, repleta de significados para aqueles a quem se dirige, comprometida com uma formação baseada na intencionalidade primeira de forma pessoas que aprendam a “ler o mundo”, a começar pelo seu, pelos olhos do pertencimento afetivo e por isso, crítico, consciente e justo.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo Editora: UNESP, 2003.

FRANCO, Maria Amélia S.; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma G. **Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de Pedagogia**. Cad. Pesq. s/l. v.37 n. 130 p. 63-97, jan/abr 2007 disponível em: [www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/05.pdf). Acesso em: 20 out. 2009.

FUNDARPE. **Festival Pernambuco Nação Cultural: educação patrimonial para o Agreste Meridional**. Recife, 2009.

FUNDARPE. **Festival Pernambuco Nação Cultural: educação patrimonial para o Agreste Meridional**. Recife, 2011.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.



GONÇALVES, J.R.S. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2003.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância.. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007. p. 215-228

HORTA, Maria de Lourdes GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO Adriane Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

KLAMT, Sergio Célio ; SOARES, André Ramos (Orgs.). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: UFMS, 2007. Cap. 1, p.11-22.

LIMA, Marta M. A. História Local nos livros didáticos de História para os anos iniciais do ensino fundamental. In: OLIVEIRA, Almir Félix B. de e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Livros Didáticos de História: escolhas e utilizações**. Natal: EDUFRN, 2009.

NETO, Moysés Marcionilo de Siqueira. **Sob o véu do patrimônio cultural : uma análise dos processos de tombamento em Pernambuco (1979-2005)** Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011.

OLIVEIRA, Fabiana de; WENCESLAU, Francelin Ferreira. Educação Patrimonial e a pesquisa arqueológica do sítio “Casa de David Canabarro” em Santana do Livramento, RS. In: SOARES, André. KLAMT, Sérgio (Orgs). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: UFMS, 2007.

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/Aprender História: questões de didática aplicada**. Lisboa : Livros Horizonte, 1990.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.